

O Lugar E Seu Nome:

Revisitando Os Topônimos Dos Municípios Alagoanos De Taxe Natureza Física Na Ocupação Humana Do Espaço Geográfico

The Place And Its Name: Revisiting The Places Names Of Two Alagoan Municipalities Of
Taxe Physical Nature The Human Occupation Of The Geographic Space

Pedro Antonio Gomes de Melo¹

Resumo: Os topônimos são portadores de representações da realidade e particularizam espaços em um dado território, afinados com as dinâmicas territoriais e as intervenções humanas produzidas no decorrer de um período histórico. Nessa direção, este artigo objetiva descrever linguisticamente o inventário dos 53 nomes, caracterizados pelas taxas de natureza física (Dick, 1992), atribuídos a municípios alagoanos (IBGE, 2024). Quanto à metodologia empregada, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem quali-quantitativa, fundamentada, pelos princípios teóricos da Toponímia, em especial pelo modelo de Dick (1992 e posteriores). Após as análises, identificaram-se 8 taxas de natureza física no *corpus* analisado, os resultados apontaram que as taxas dos fitotopônimos e hidrotopônimos foram as mais produtivas, com o registro de 18 ocorrências para cada categoria, de um total de 53 macrotopônimos. No âmbito dos hidrotopônimos, evidenciou-se a valoração da hidrografia local, materializando, no léxico toponímico, os vínculos denominativos entre o lugar e seu nome em três esferas complementares em que o elemento água se sobressai, quais sejam i) nomes de acidentes hídricos, ii) a paisagem das regiões de beira-mar das lagoas e praias alagoanas e iii) o ânimo valorativo do sujeito-nomeador. No âmbito dos fitotopônimos, evidenciou-se a intencionalidade do sujeito-nomeador associada ao resgate de espécies da flora local em sua individualidade ou coletividade.

Palavras-chave: Onomástica; Léxico toponímico; Cultura; Alagoas.

Abstract: Toponyms are bearers of representations of reality and particularization of spaces in a given territory, refined with territorial dynamics and human interventions produced outside of a historical period. Hence, this article aims to linguistically discover the inventory of 53 names, characterized by the taxes of physical nature (Dick, 1992), attributed to Alagoan municipalities (IBGE, 2024). As for the methodology, it is a quali-quantitative bibliographical research, based on the theoretical principles of toponymy, especially on Dick's model (1992 and later). After the analyzes, 8 physical taxes were identified in the analyzed *corpus*, the results showed that the taxes of phytotoponyms and hydrotoponyms were the most productive, with records of 18 occurrences for each toponomatic category, out of a total of 53 macrotoponyms. In the field of hydrotoponyms, evidence is given to the assessment of local hydrography, materializing in the toponymic lexicon, the denominative links between the place and its place. name in three complementary spheres in which the element of water is highlighted: i) names of water accidents, ii) the landscape of lagoons and beaches in Alagoas and iii) the evaluative spirit of the subject-denominator. In the scope of two phytotoponyms, evidence is given to the intentionality of the subject-namer associated with the rescue of local vegetation species in its individuality or community.

Keywords: Onomastic; Toponymic lexicon; Culture; State of Alagoas.

¹Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor Titular da Universidade Estadual de Alagoas – (UNEAL), Palmeira dos Índios, Alagoas, Brasil; pedro.melo@uneal.edu.br; <http://orcid.org/0000-0003-4873-564X>.

1. Introdução

A natureza dos nomes próprios em geral tem aguçado a curiosidade de estudiosos desde a Antiguidade, mas é a partir do século XIX que passa a configurar-se como área de investigação científica – a Onomástica –, campo do saber que fornece aporte teórico para o estudo de diferentes categorias de nomes próprios, dentre os quais os nomes de pessoas, objeto de estudo da Antroponímia, e os nomes de lugares dos quais se ocupa a Toponímia (Isquerdo, 2023, p. 7).

O atual conjunto dos nomes dos municípios do estado de Alagoas é composto por 102 topônimos oficiais (IBGE, 2024)². Esse complexo línguo-cultural se constitui em um recorte da toponímia alagoana dos aglomerados humanos. Trata-se de uma esfera denominativa que corresponde à macrotoponímia municipal de Alagoas, em que se considera o nome de município como um macrotopônimo, isto é, um topônimo que singulariza um espaço mais extenso, em relação a outros menos extensos. Com efeito, o nome atribuído a um município alagoano será um macrotopônimo quando comparado com os microtopônimos que identificam lugarejos, povoados, vilas, distritos etc. que dele fazem parte.

Dentro desse inventário de 102 nomes, detectou-se 53 macrotopônimos voltados às características do ambiente natural que traduzem aspectos ambientais, como a vegetação, a fauna, o relevo, as características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade, entre outros, que constituem meios importantes na observação dos estudos das motivações toponímicas, dado o seu caráter referencial, na medida em que incorporam do meio ambiente físico que, muitas vezes, influencia e/ou determina o ato nominativo toponímico.

Nesse grupo de 53 nomes de índole física, pela própria origem semântica desses signos toponímicos, pode-se (re)conhecer de modo transparente (ou em alguns casos de modo opaco, principalmente, em se tratando de nomes de etimologia indígena e/ou africana) características da paisagem do território alagoano como índice de entrelaçamento entre o homem, sua língua e seu habitat no processo de nomeação da realidade circundante.

² Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/panorama>> Acesso em 20 de mai 2024.

Do ponto de vista linguístico, a língua se constitui, concomitantemente, como um sistema e como uma prática de interação. Ao mesmo tempo, ela é concebida como um conjunto de componentes inter-relacionados que se manifestam em vários níveis de organização, inclusive no léxico, efetivando-se no interior do meio sociocultural, dimensão de socialização dos membros de uma sociedade. E sua conexão entre homem, língua e meio ambiente pode ser evidenciada pela maneira como o sujeito vê o mundo, suas apreciações de ordem física, moral e valorativa, seus diferentes comportamentos histórico-sociais e suas posturas corporais que são produtos de uma herança cultural. (Laraia, 2009).

É sob essa ótica, que situamos esse estudo, ancorado na construção entre a concepção de língua como sistema (forma de expressão produzida – por exemplo, o topônimo), de um lado, e a questão do uso/interação (uma realidade sociocultural, historicamente, construída pelos sujeitos – por exemplo, a prática de nomear municípios), de outro lado, atentando-se para suas materialidades e dinâmicas na ocupação do espaço geográfico, relacionando-as com as concepções de território e cultura para compreendermos o lugar em que vivemos.

Nessa direção, o presente artigo objetiva apresentar uma descrição linguística de 53 nomes de municipalidades alagoanas e, conseqüentemente, revelar um recorte da toponímia de aglomerados humanos do Brasil.

Quanto à metodologia empregada neste estudo, trata-se de uma pesquisa de natureza básica, do tipo bibliográfica, fundamentada pelos princípios teórico-metodológicos da Toponímia, em especial pelo modelo teórico de Dick (1990 e seus desdobramentos) em diálogo com a Linguística geral. Inserindo-se no paradigma de ciência pós-positivista de abordagem quali-quantitativa, pois trabalhará com interpretações das representações da realidade em seu contexto identitário, social e cultural, materializadas nos nomes de municípios alagoanos, como também dará um tratamento quantitativo ao *corpus* constituído para a pesquisa.

Para promover a restauração das significações e etimologias no *status quo* de alguns nomes, sobretudo de étimo indígena e africano, recorreu-se aos seguintes dicionários especializados: *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi*: significado dos nomes geográficos de origem tupi de Tibiriçá (1997), *Dicionário etimológico da língua portuguesa* de Cunha (2010) e, também, a *Enciclopédia Municípios de Alagoas* de Mendonça et al. (2012), uma vez que, em certos nomes, a origem linguística e seu significado histórico não se

Web Revista Linguagem, Educação e Memória.

ISSN: 2237-8332 | N.22 | V.1 | 2024 e5959

<https://doi.org/10.61389/wrlem.v1i22.5959>

apresentam mais transparentes em suas bases léxicas. Isto é, com o tempo, perderam a sua relação com a etimologia primitiva, tornando-se opacos.

Este artigo está dividido em três seções: a primeira traz o universo da pesquisa, pondo em foco uma breve caracterização da geografia física de Alagoas; a segunda traz a fundamentação teórica que norteou esta investigação, abordando, de forma concisa, alguns conceitos básicos da área da Onomástica e da Toponímia, com base na literatura profissional tanto no cenário nacional quanto internacional; na terceira seção, exibe-se a análise e os resultados obtidos. Ao final do artigo, expõe-se as considerações finais e as referências.

2. Contextualizando O Universo Da Pesquisa: Terras Alagoanas

Em suas inter-relações com o espaço geográfico, o homem cria representações simbólicas da realidade que lhe sejam significativas. Nessa direção, os nomes atribuídos aos municípios alagoanos são materializações linguísticas dessas representações (microtopônimos) que veiculam traços que traduzem aspectos da paisagem física e/ou antropocultural de um dado território, constituindo-se em um rico patrimônio imaterial.

Nas palavras de Santos (2023, p. 59), os topônimos

[...] enquanto formas simbólicas espaciais, são parte desse conjunto de símbolos em um contexto de comunicação entre os indivíduos. Para além de identificar porções do espaço, conformam visões de mundo a partir de um conjunto de significados que buscam institucionalizar, produzindo distintas espacialidades (incluindo suas escalaridades).

Compreendendo que as pesquisas sobre nomes de lugares buscam “o estudo integral, em uma dupla dimensão: a do tempo [a memória toponímica] e a do espaço [a função toponímica] dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que permitiram e permitem que um nome de lugar se origine e subsista” (Salazar-Quijada, 1985, p. 18, tradução nossa),³ procurou-se, nesta primeira seção, contextualizar sucintamente o *locus* dessa incursão toponímica na parte sul da antiga Capitania de Pernambuco (Capitania Nova Lusitânia), atual estado de Alagoas.

³ No original: “Estudio integral, enespacio y eneltiempo, de los aspectos: geo-históricos, socio-económicos y antropo-lingüísticos, que permitieron y permiten que um nombre de lugar se origine y subsista” (Salazar-Quijada, 1985, p.18).

Apresenta-se, a seguir, a Figura 1, que ilustra a localização espacial do estado de Alagoas, lócus desta pesquisa, dentro do território nacional e, particularmente, na região do nordeste brasileiro.

Figura 1. Mapa de localização do estado de Alagoas no território brasileiro.



Fonte: Disponível em <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/alagoas-em-mapas>. Acesso em 20 de maio de 2024.

O espaço geográfico alagoano apresenta um cenário natural constituído por diversos contrastes, desde o litoral ao sertão, passando pela zona da mata e agreste que, representado por sua fauna, flora, hidrografia, formas topográficas e constituição do solo, ainda conserva, em alguns casos, aspectos de sua fisionomia primitiva, característicos de suas mesorregiões e microrregiões.

No caso da descrição da geografia física alagoana, cita-se a seguir, longamente, Carvalho (2016), que explica que, de modo geral, o espaço territorial de Alagoas se caracteriza

pela planície litorânea – com os recifes de coral e algas, restingas, mangues, várzeas, dunas, terraços marinhos, estuários, lagunas, além dos tabuleiros que margeiam quase toda a costa. Maceió e as lagunas estão situadas na base desses tabuleiros, na planície costeira. Já no interior, sobre o domínio das rochas cristalinas, a escarpa cristalina oriental é a continuação do planalto da Borborema, representada por serras, como as do vale do Rio Mundaú. Nas proximidades dos Rios Paraíba do Meio, Mundaú e Canhoto, situados no Norte do Estado, a forma mais expressiva do relevo é a denominada ‘Mata de Morro’. Já do agreste ao sertão, o pediplano sertanejo, caracterizado por terras aplainadas ou

desgastadas, distribuindo-se até o Rio Moxotó (Carvalho, 2016, p. 23-24).

Pelo referido, é possível dizer que parte dessa paisagem natural pode ser traduzida por topônimos de ordem física alusivos às especificidades distintas mais salientes do território de uma dada região alagoana, uma vez que, como um nível de realização e materialização linguística, o léxico é a esfera da língua que melhor reflete o ambiente físico e social.

No espaço brasileiro, Alagoas está localizada na porção centro-oriental do Nordeste, onde ocupa o 8º lugar em extensão geográfica, situado entre os paralelos 8º 48'52" e 10º 30'28" de latitude sul, e os meridianos 35º 09'09" e 38º 14'15" de longitude oeste. As maiores distâncias são no sentido Leste-Oeste, 340 km², e Nordeste-Sudoeste, 212 km² (Mendonça *et al*, 2012).

Do ponto de vista da formação histórica do espaço geográfico alagoano, destaca-se que a área territorial correspondente ao atual Estado de Alagoas se caracterizou como um dos cenários singulares da expansão comercial e marítima europeia no Nordeste brasileiro, resultando na colonização do Brasil pelos lusitanos a partir do século XVI.

Historicamente, o passado alagoano é marcado pelos engenhos de açúcar, pelas lutas dos quilombos e pelos massacres dos índios caetés. Em consequência, desde o início, a faixa litorânea de Alagoas, em razão de sua localização, fertilidade e recursos naturais e, porque não dizer, também por suas belezas naturais, despertou o interesse de portugueses, espanhóis, franceses e holandeses.

Nos dias atuais, a presença indígena no espaço alagoano se modificou. Na região com alta densidade hidrográfica, há apenas a presença de dois povos na região do São Francisco (em Porto Real do Colégio: *Kariri-Xocóe Kayagó*). Os demais povos indígenas estão distribuídos assim: sete povos na região do Sertão, três povos no Agreste e um povo indígena na Zona da Mata.

Nessa direção, de modo geral, a aculturação e a desterritorialização indígena tiveram seu prólogo com a conquista de território pelos portugueses, a exploração mediante a colaboração ou não dos índios litorâneos na extração das matérias primas encontradas, a imposição de ordem pelo trabalho indígena e a catequização.

Um outro aspecto sócio-histórico e etnolinguístico a ser registrado é a presença do negro escravizado, vindo da África para trabalhar como escravo nos engenhos e nas

atividades canavieiras em terras alagoanas. Nesse particular, os portugueses foram os primeiros a realizar o comércio de escravos africanos através do Atlântico, seguidos por holandeses, ingleses e franceses.

Em solo alagoano, foi na zona da mata, na área dos engenhos de açúcar e dos municípios canavieiros, que se concentrou a população de negros escravizados em atividades laborais e coletivas.

Nesse contexto, muitos negros escravizados se revoltaram contra os castigos que lhes eram aplicados, fugiram e se esconderam na mata se organizando em grupos, denominados de quilombos, para sobreviver à hostilidade do ambiente e às investidas dos brancos. Nesse particular, o maior quilombo no cenário de Alagoas foi o Quilombo dos Palmares que durou 65 anos (1630- 1695), sediado na Serra da Barrica, hoje pertencente ao atual município de União do Palmares/AL.

Nesse contexto, a evolução político-administrativa do Estado de Alagoas resultou na atual configuração de 102 municípios, distribuídos em três mesorregiões geográficas, denominadas de Mesorregião do Agreste Alagoano, Mesorregião do Leste Alagoano e Mesorregião do Sertão Alagoano que agrupam treze microrregiões geográficas.

É a partir das escolhas lexicais no sistema onomástico para nomear essas municipalidades que se forma a cadeia toponímica dos macrotopônimos municipais de Alagoas, o que propicia “o desenvolvimento de análises nominais e a consequente fixação de um *modelo* ou *padrão de nomes*, válido para a comunidade doadora ou receptora” (Dick, 2007, p. 142, grifo nosso). Essa adoção denominativa singulariza a localidade dos demais, retratando diferentes aspectos, através de traços da geografia natural e humana.

A maioria desses signos toponímicos “surge de maneira espontânea, porém outros topônimos surgem de atos fundacionais, dados por fundadores, muitas vezes em eventos formais, nos quais podem estar inclusos documentos oficiais” (Solis Fonseca, 1997, p. 22, tradução nossa).⁴ Como exemplo dessas motivações, pode-se citar aqui os nomes de municípios alagoanos que retomam os acontecimentos ou as personalidades marcantes da história de Alagoas.

⁴ No original: “Surge de esta necesidadespontânea. Otros topónimos surgen de actos fundacionales, dados por los fundadores, muchas veces en eventos fundacionales de los cuales incluso pueden quedar documentos.” (Solis Fonseca, 1997, p. 22).

A formação do acervo linguístico-cultural toponímico alagoano dos nomes dos municípios é resultado de um gradual processo de povoamento que implica na necessidade de se criar referenciais na língua para o lugar ocupado. Sendo assim, o sujeito-nomeador adota um signo toponímico que singulariza a localidade nomeada dos demais lugares, retratando diferentes aspectos, inclusive por meio de traços da geografia natural, dentro do território alagoano.

3. Da Onomástica À Toponímia: Uma Relação De Inclusão

A Onomástica corresponde a uma área das Ciências do Léxico que apresenta duas áreas correlatas independentes, porém não excludentes, a Toponímia, que possui como eixo central de seus estudos o nome de lugar, e a Antroponímia, que se ocupa dos estudos do nome próprio individual de pessoa. Essas duas subáreas; não se encontram dissociadas entre si, mas em relação de interdependência e completude.

Estudos que se enquadram sob o rótulo da Onomástica, no campo toponomástico, nos últimos decênios, têm experimentado significativos avanços originados pela sua renovação teórico-metodológica e também pela extensão das suas interconexões entre os conhecimentos, complementando-os, convergindo-os, discordando-os; articulando e integrando, assim, informações que transitam entre os outros campos de investigação.

Em vista disso, houve uma expansão do escopo teórico da Onomástica e, conseqüentemente, das pesquisas toponímicas enquanto ramo dessa ciência maior, que partem do campo geográfico para o linguístico, modificando, portanto, “a relação de causa e efeito porque nome e coisa nomeada passam a significar o mesmo dado, do ponto de vista semântico” (Dick, 2007, p. 144)

O sistema onomástico, considerado como um complexo linguístico-cultural, compreende as realizações virtuais do sistema lexical disponíveis para o desempenho denominativo dos falantes e é por meio dessas escolhas lexicais, no sistema onomástico, que as causas denominativas do sujeito-nomeador se manifestam, mediando a relação do lugar referencial com sua representação linguística.

A Toponímia (dos helenismos τόπος, ‘lugar’, e ὄνομα, ‘nome’, ou seja, nome de lugar) tem como unidade de análise o “conjunto de unidades lexicais investidas da função

de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos” (Isquierdo, 2012, p. 116). Embora esteja inserida no campo da Onomástica, ela se configura, também, a partir do suporte de outros campos do saber, tendo o que atualmente se chama um caráter inter- e/ou multidisciplinar.

Os topônimos se incluem em dois blocos, quais sejam i) no léxico geral, como signos linguísticos que se modificam como os demais lexemas, podendo sofrer todas as influências, mudanças e transformações ocorridas na língua; ii) no léxico específico da ciência onomástica, como signos toponímicos que designam lugares.

O topônimo consiste em um signo linguístico na função denominativa de um espaço geográfico e/ou humano que, no sistema onomástico, perde seu caráter arbitrário. Ele é um fato de língua que não apenas identifica, geograficamente, o lugar a que se refere, apontando para ele, exercendo quase uma função dêitica, mas também significa. Tendo isso em vista, os signos toponímicos insinuam pistas, sugerem caminhos interpretativos e podem resgatar memórias vivenciadas por gerações presentes e pretéritas.

Sua conversão do acervo lexical para o sistema onomástico depende de “uma função de uso: a diferenciação de outros lugares ou propriedades por razões de posse da terra, de acesso ou valor simbólico” (Chueca, 2010, p. 9, tradução nossa)⁵ e sua dinâmica “está correlacionada à própria dinamicidade da realidade social, econômica, política, cultural e ideológica do grupo, característica essa que também se manifesta no vocabulário onomástico-toponímico” (Isquierdo, 2008, p. 51), evidenciando a relação entre o ato de nomear e o vínculo que o ser humano exerce com o *habitat*, seu meio circundante.

Nessa direção, as pesquisas toponímicas buscam compreender as múltiplas facetas dos nomes de lugares, suas nuances. Assim, compreendendo os topônimos como marcadores da cultura material e imaterial de uma dada comunidade, os atuais estudos vêm buscando resgatar a história social contida nos signos toponímicos, partindo das origens linguísticas para (re)construir os significados e, posteriormente, traçar um panorama motivacional relacionado ao sujeito-nomeador.

A despeito disso, a ação de nomear espaços habitados, no sistema onomástico, não se dá de maneira aleatória ou neutra, mas aciona uma complexa rede de fatores linguísticos

⁵ No original: “Una función de uso: ladiferenciaciónconrespecto a otros lugares o predios por razones de tenencia de latierra, acceso o valor simbólico” (Chueca, 2010, p. 9).

e extralinguísticos. Nesse sentido, mascara as contradições sociais, legitima a ação do capital sobre o território.

É uma prática de intervenção e arma ideológica que está associada às experiências sociais e culturais vividas pelo sujeito-nomeador e/ou grupos sociais que o representa em um dado território. Com efeito, a escolha toponímica não se dá de maneira despropositada, mas orquestrada como uma estratégia de posicionamento em um contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos que, por sua vez, fazem parte de um universo sócio-histórico-cultural.

Isso sugere que, subjacente aos propósitos nomeadores, há “intenções bem delineadas, mas que se tornam menos claras considerando-se o seu esvaziamento semântico pelo decurso do tempo entre a criação do termo e o seu emprego cronológico” (Dick, 2006, p. 99). Seu produto resultante, o topônimo, apresenta “força não apenas impositiva, mas identitária porque situa o objeto nomeado no quadro das significações, retirando-o do anonimato[...]” (Dick, 2007, p. 143).

3.1 Modelo Taxionômico De Classificação Toponímica De Dick: Taxes De Natureza Física

Neste artigo, adotou-se, para a análise do inventário toponímico dos 53 nomes oficiais de municípios alagoanos, caracterizados pelas taxes de natureza física, a proposta taxionômica idealizada por Dick, no início de 1980 (reformulada pela autora em 1990 e publicada em 1992 e seus desdobramentos).

O Modelo Taxionômico de Classificação Toponímica de Dick (1992 e desdobramentos) concentra os nomes de lugares – do ponto de vista do produto gerado como objeto de investigação - a partir de suas causas motivacionais.

Trata-se de um modelo teórico “semântico-motivador das ocorrências toponímicas” que acomoda as 27 taxes específicas, sendo 11 taxes referentes ao ambiente físico e 16 taxes referentes ao ambiente antropocultural, para “a realidade designativa da nomenclatura geográfica oficial do país” (Dick, 2006, p. 106), dando uma dimensão valorativa do campo sêmico discutido.

O termo *taxe*, no sentido de taxionomia toponomástica no modelo de Dick, corresponde à identificação e à classificação genérica de episódios cósmicos de duas ordens

de consequências, quais sejam a física e a antrópica, de forma a permitir a aferição objetiva de causas motivadoras das unidades do léxico toponímico.

Segundo a própria autora, as taxes são definidas:

[...] à maneira dos hiperônimos (termos redutores dos significados compreendidos nas expressões denominativas) ou dos arquilexemas, constituem-se em indicativos ou marcadores semântico-terminológicos; têm a finalidade de, por meio de uma nomenclatura específica (termo genérico motivador, indicativo do campo semântico determinativo, seguido da expressão topônimo), transmitir os vínculos causais que justificam a criação dos nomes de lugares. (Dick, 2007, p. 142).

No grupo das taxes de condutas motivadoras de ordem física, os topônimos fazem referências aos aspectos naturais, como a vegetação, a fauna, o relevo; às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade, entre outros, que constituem meios importantes na observação dos estudos das motivações toponímicas, dado o seu caráter referencial, na medida em que incorporam do *habitat* físico que, muitas vezes, influencia e/ou determina o ato nominativo toponímico.

É nesse sentido que se compreende a apropriação do lugar pelo homem, *habitat* urbano, rural, artificial, natural, trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço por meio de um topônimo que se reveste de inúmeros elementos que advêm do contexto em que se insere e descreve a situação física do espaço habitado, particularizando o local por meio de suas características físicas mais salientes.

Como esta pesquisa está circunscrita ao universo das taxes de condutas motivadoras de ordem física, doravante, apresentar-se-á, apenas, o Quadro 1 com as 11 taxes do Taxionômico de Classificação Toponímica de Dick (1992) e exemplificadas, quando possível, com nomes de localidades (municípios ou povoados alagoanos).

Quadro 1. Taxes de condutas motivadoras de ordem física de Dick (1992)

TAXE	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
Astrotopônimo	relativo aos corpos celestes em geral.	Estrela de Alagoas/AL
Cardinotopônimo	relativo às posições geográficas em geral.	Nortelândia/MT
Cromotopônimo	relativo à escala cromática.	Amarelo/ ES
Dimensiotopônimo	relativo às características dimensionais dos acidentes geográficos.	Alto dos Coelhos/AL

Fitotopônimo	relativo à flora em geral de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade ou em conjunto.	Cajueiro/AL
Geomorfotopônimo	relativo às formas topográficas, elevações, depressões do terreno e as formas litorâneas.	Chã Preta /AL
Hidrotopônimo	relativo ao elemento água e acidentes hidrográficos em geral.	Água Branca/AL
Litotopônimo	relativo aos minerais e à constituição do solo.	Barro Vermelho/AL
Meteorotopônimo	relativo a fenômenos atmosféricos.	Primavera/AL
Morfotopônimo	relativo ao sentido das formas geométricas.	Volta Redonda/RJ
Zootopônimo	relativo à fauna geral de índole animal, representado por indivíduos doméstico e não doméstico	Carneiros/AL

Fonte: Melo (2018)

Cumprir sinalizar que esse modelo de classificação taxionômico procura responder às necessidades denominativas no mundo onomástico não meramente especulativas, mas abalizadas na realidade etnocultural conhecida ou ainda a conhecer. Atualmente, tal proposta de taxionomia de Dick e seus desdobramentos tem sido largamente adotada no Brasil.

3. ANÁLISE E RESULTADOS

Doravante serão apresentadas a análise e resultados dos dados que constituíram o *corpus* deste estudo, 102 nomes oficiais dos municípios alagoanos (IBGE, 2021),⁶ a saber: (1) *Anadia*, (2) *Água Branca*, (3) *Arapiraca*, (4) *Atalaia*, (5) *Barra de Santo Antônio*, (6) *Barra de São Miguel*, (7) *Batalha*, (8) *Belém*, (9) *Belo Monte*, (10) *Boca da Mata*, (11) *Branquinha*, (12) *Cacimbinhas*, (13) *Cajueiro*, (14) *Campestre*, (15) *Campo Alegre*, (16) *Campo Grande*, (17) *Canapi*, (18) *Capela*, (19) *Carneiros*, (20) *Chã Preta*, (21) *Coité Do Nóia*, (22) *Colônia Leopoldina*, (23) *Coqueiro Seco*, (24) *Coruripe*, (25) *Craíbas*, (26) *Delmiro Gouveia*, (27) *Dois Riachos*, (28) *Estrela de Alagoas*, (29) *Feira Grande*, (30) *Feliz Deserto*, (31) *Flexeiras*, (32) *Girau do Ponciano*, (33) *Ibateguara*, (34) *Igaci*, (35) *Igreja Nova*, (36) *Inhapi*, (37) *Jacaré dos Homens*, (38) *Jacuípe*, (39) *Japaratinga*, (40) *Jaramataia*, (41) *Jequiá da Praia*, (42) *Joaquim Gomes*, (43) *Jundiá*, (44) *Junqueiro*, (45) *Lagoa da Canoa*, (46) *Limoeiro de Anadia*, (47) *Maceió*, (48) *Major Isidoro*, (49) *Maragogi*, (50) *Maravilha*, (51) *Marechal Deodoro*, (52) *Maribondo*, (53) *Mar Vermelho*, (54) *Mata Grande*, (55)

⁶ Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/panorama>>. Acessado em 20 de maio de 2024.

Matriz de Camaragibe, (56) Messias, (57) Minador do Negrão, (58) Monteirópolis, (59) Murici, (60) Novo Lino, (61) Olho D'água das Flores, (62) Olho D'água do Casado, (63) Olho D'água Grande, (64) Olivença, (65) Ouro Branco, (66) Palestina, (67) Palmeira dos Índios, (68) Pão de Açúcar, (69) Pariconha, (70) Paripueira, (71) Passo de Camaragibe, (72) Paulo Jacinto, (73) Penedo, (74) Piaçabuçu, (75) Pilar, (76) Pindoba, (77) Piranhas, (78) Poço das Trincheiras, (79) Porto Calvo, (80) Porto de Pedras, (81) Porto Real do Colégio, (82) Quebrangulo, (83) Rio Largo, (84) Roteiro, (85) Santa Luzia do Norte, (86) Santana do Ipanema, (87) Santana do Mundaú, (88) São Brás, (89) São José da Laje, (90) São José da Tapera, (91) São Luís do Quitunde, (92) São Miguel dos Campos, (93) São Miguel dos Milagres, (94) São Sebastião, (95) Satuba, (96) Senador Rui Palmeira, (97) Tanque D'Arca, (98) Taquarana, (99) Teotônio Vilela, (100) Traipu, (101) União Dos Palmares e (102) Viçosa.

Após a análise da macrotoponímia dos 102 nomes dos municípios alagoanos, detectaram-se 53 nomes caracterizados pelas taxas de natureza física. Eles evidenciam um chão de memórias, caracterizando-se como uma toponímia de regiões urbanizadas ou rurais, sendo receptores e refletores de representações que desvelam traços de identidade do povo alagoano, mediante as singularidades das paisagens naturais de Alagoas materializadas nesses topônimos.

A seguir, apresentar-se-á a Tabela 1 com a classificação e quantitativo de ocorrências:

Tabela 1. Ocorrências das taxionomias de natureza física

TAXE	NOMES DE MUNICÍPIOS	Qt.
Astrotopônimo	<i>Estrela de Alagoas</i>	1
Cromotopônimo	<i>Branquinha, Chã Preta</i>	2
Dimensiotopônimo	<i>Campo Grande</i>	1
Fitotopônimo	<i>Arapiraca, Cajueiro, Campestre, Canapi, Coité do Noia, Coqueiro Seco, Craibas, Flexeiras, Jaramataia, Junqueiro, Limoeiro de Anadia, Mata Grande, Murici, Palmeira dos Índios. Piaçabuçu, Pindoba, Taquarana, Viçosa.</i>	18
Geomorfotopônimo	<i>Barra de Santo Antônio, Barra de São Miguel, Ibatiguara.</i>	3
Hidrotopônimo	<i>Água Branca, Cacimbinhas, Coruripe, Igaci, Jacuípe, Japaratinga, Lagoa da Canoa, Maragogi, Minador do Negrão, Olho d'Água das Flores, Olho d'Água do Casado, Olho d'Água Grande, Paripueira, Poço das Trincheiras, Rio Largo, Tanque d'Arca, Traipu, Mar Vermelho</i>	18
Litotopônimo	<i>Ouro Branco, Inhapi, Maceió, Penedo.</i>	4

Zootopônimo	<i>Carneiros, Jacaré dos Homens, Jundiá, Maribondo, Piranhas, Satuba.</i>	6
TOTAL		53

Fonte. Elaborado pelo autor (2024)

Conforme os dados toponomásticos apresentados na Tabela 1, pode-se atestar que os elementos naturais básicos presentes no meio ambiente – como fauna, flora, formas topográficas, hidrografia etc. - mostram-se como fatores relevantes às seleções toponímicas.

Nesse particular, semanticamente, os nomes dos municípios de Alagoas nomeiam as localidades de duas maneiras, a saber: i) de forma descritiva – a partir de características objetivas mais relevantes do território alagoano, sobretudo sua hidrografia e sua vegetação, por exemplo: Município *Rio Largo*, Município *Feira Grande* etc.; ii) de modo subjetivo e/ou metafórico - por associação a aspectos do processo histórico de formação do estado de Alagoas, por exemplo: Município de *Batalha*, Município *Pão de Açúcar* etc.

Quanto aos fatores extralinguísticos, pontua-se que os aspectos da paisagem natural do território alagoano se revelaram importantes determinantes de motivação toponímica pelo seu caráter referencial e identitário, na medida em que refletem singularidades físicas dos contornos do cenário terrestre circunscrito ao sujeito-nomeador e ao lugar nomeado, projetando uma relação simbólica entre o ambiente, a língua e o homem.

Dentro desse quadro, os referenciais hidrológicos e fitológicos se revelaram os mais produtivos na prática denominativa municipal alagoana com 18 ocorrências registradas para cada categoria toponomástica.

No âmbito dos hidrotopônimos, evidencia-se uma tendência regional para o emprego dessas denominações em território alagoano, demonstrando a valorização da hidrografia local como motivação toponímica. E, em função disso, observa-se que os vínculos denominativos entre o lugar e seu nome se realizaram em três esferas complementares em que o elemento água se sobressai, quais sejam i) nomes de acidentes hídricos em território alagoano, por exemplo Município de *Cururipe*, Município de *Lagoa da Canoa* etc.; ii) a paisagem das regiões de beira-mar das lagoas e praias alagoanas, por exemplo Município de *Paripueira*, Município de *Jequiá da Praia* etc. e iii) o ânimo do sujeito-nomeador em relação ao recurso hídrico alagoano, como por exemplo Município de *Olho d'Água das Flores* e Município de *Branquinha*.

No âmbito dos fitotopônimos, evidencia-se a intencionalidade, que anima o sujeito-nomeador, associada à descrição e ao resgate de espécies vegetais da flora local em sua individualidade ou diversidade, em que se encontra o município nomeado, materializando no léxico toponímico, traços das especificidades naturais do estado. Tais macrotopônimos, em sua maioria, são designativos de um universo transparente, traduzindo elementos das feições características do local, na época de sua formação e povoação.

Quanto aos fatores linguísticos, no plano morfológico, os topônimos simples se revelaram os mais produtivos lexicalmente na função de nomear municípios alagoanos. E mais, no que diz respeito às distribuições dos elementos formativos das estruturas morfológicas em sua disposição linear, apresentaram uma composição morfossintática bastante variada, desde o substantivo simples acrescido de afixos até formas mais complexas, com o uso de modificadores seguidos de preposição para homenagear personalidades, localizar geograficamente o lugar nomeado, desfazer homonímia.

No que diz respeito ao perfil da rede etimológica, detectam-se dez diferentes procedências linguísticas que legaram palavras ao léxico toponímico alagoano, individualmente ou em combinações híbrida, com predominância românica, seguido da marca indígena de étimo Tupi.

Tabela 2 - Rede etimológica constitutiva dos morfemas lexicais dos 102 nomes dos municípios do Estado de Alagoas

BASE LEXICAL	NOMES DOS MUNICÍPIOS	QT.
Lat.	Barra de Santo Antônio, Batalha, Belo Monte, Boca da Mata, Campestre, Campo Alegre, Campo Grande, Capela, Carneiros, Chã Preta, Estrela de Alagoas, Feira Grande, Feliz Deserto, Igreja Nova, Junqueiro, Mar Vermelho, Maravilha, Mata Grande, Messias, Olho D'Água das Flores, Olho D'Água Grande, Olivença, Palestina, Palmeira dos Índios, Paulo Jacinto, Penedo, Pilar, Porto Calvo, Porto de Pedras, Porto Real do Colégio, Rio Largo, Roteiro, São Brás, São Sebastião, União dos Palmares e Viçosa.	36
Tup.	Arapiraca, Cajueiro, Canapi, Coruripe, Craíbas, Ibateguara, Igaci, Inhapi, Jacuípe, Japaratinga, Jaramataia, Jundiá, Maceió, Maragogi, Murici, Pariconha, Paripueira, Piaçabuçu, Pindoba, Piranhas, Satuba, Taquarana e Traipu.	23
Lat.+Hebr.+Lat.	Limoeiro de Anadia, São José da Laje, São Miguel dos Campos e São Miguel dos Milagres.	4
Tup.+Lat.	Girau do Ponciano, Jacaré dos Homens e Jequiá da Praia.	3
Lat.+Germ.	Água Branca, Colônia Leopoldina e Ouro Branco.	3

Afr.	Cacimbinhas, Maribondo e Quebrangulo.	3
Port. bras.+Tup.	Santana do Ipanema e Santana do Mundaú.	2
De orig. contr.+Lat.	Coqueiro Seco e Tanque D'Arca.	2
Lat.+Cast.	Dois Riachos e Lagoa da Canoa.	2
Lat.+Greg.	Major Isidoro e Novo Lino.	2
Lat.+Port. euro	Olho D'Água do Casado e Teotônio Vilela.	2
Lat.+Tup.	Matriz de Camaragibe e Passo de Camaragibe.	2
Lat.+Hebr.	Barra de São Miguel.	1
Lat.+Fr.+Afr.	São Luís do Quitunde.	1
Lat.+Port. euro. +Lat.	Senador Rui Palmeira.	1
Lat.+Port. euro. +Germ.	Santa Luzia do Norte	1
Port. euro. +Greg.	Monteirópolis.	1
Tup.+De orig. contr.	Coité do Nóia.	1
Fr.+Gr.	Marechal Deodoro.	1
Lat.+Hebr.+Tup.	São José da Tapera.	1
Germ.	Branquinha.	1
Germ.+Port. euro.	Delmiro Gouveia.	1
Hebr.	Belém.	1
Hebr.+Lat.	Anadia	1
Hebr.+Port. euro.	Joaquim Gomes.	1
Lat.+Fr.	Poço das Trincheiras.	1
Lat.+Árab.	Pão de Açúcar.	1
Port. bras.	Flexeiras	1
Port. bras. + Lat.	Minador do Negrão	1
Árab.	Atalaia	1
TOTAL		102

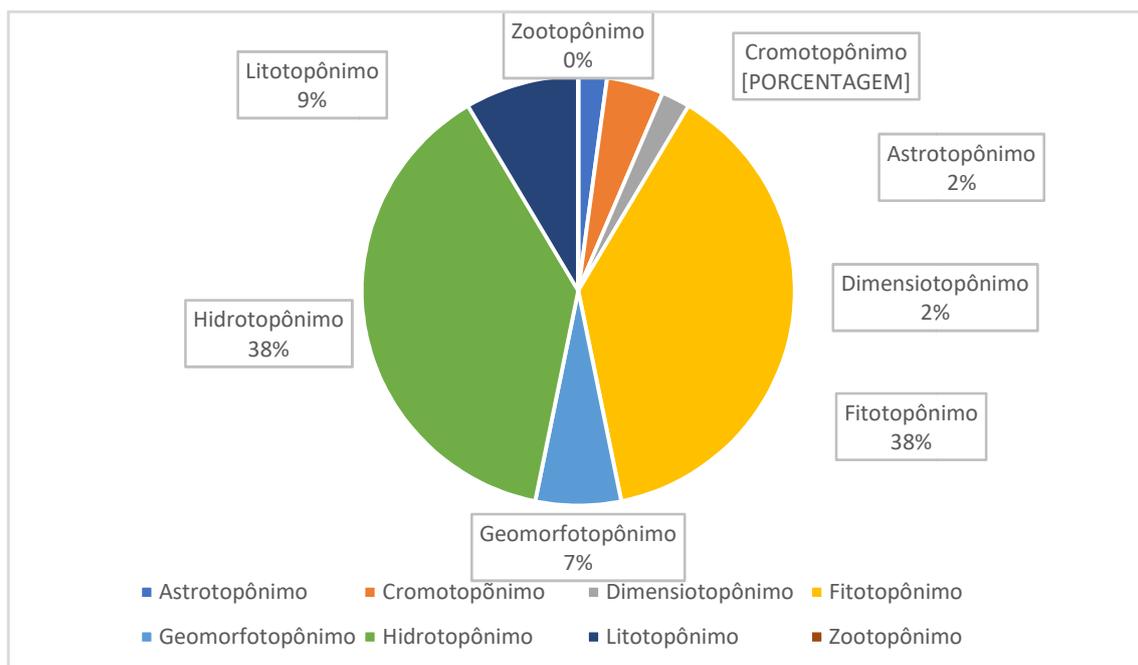
Fonte:Elaborado pelo autor, adaptado de Melo (2018)

No âmbito dos nomes, de natureza física, dos municípios alagoanos, pode-se observar casos de topônimos simples e híbridos, por exemplo, de origem latina: Chã Preta, Porto de Pedras, Rio Largo, entre outros; de origem tupi: Arapiraca, Cajueiro, Canapi, Coruripe, Craíbas, Ibateguara, entre outros; de origem híbrida tupi + latim: Girau do Ponciano, Jacaré dos Homens e Jequiá da Praia.

A partir da compreensão de que a identidade de alagoanidade foi constituída por valores sociais e culturais da maioria da população de Alagoas, não só da elite branca de ascendência europeia, mas igualmente dos negros e dos índios que foram e, ainda, são, sem dúvida, atores sociais da cultura alagoana, podemos pensar que esses cruzamentos idiomáticos sinalizam para uma feição diversificada com a presença de marcas plurilíngues em seus formantes, provavelmente, pelas condições étnico-históricas e pelos contatos interlinguísticos ocorridos durante o processo de constituição do estado de Alagoas.

Contudo, do ponto de vista das camadas linguísticas, os 53 topônimos investigados, no *status quo* do léxico toponímico constitutivo da macrotoponímia municipal alagoana, não

apresentam suas formas oriundas diretamente do latim, do tupi ou ainda das outras procedências linguísticas românicas e não-românicas, mas formas adaptadas que mantêm, no plano sincrônico da língua portuguesa do Brasil, os substratos dessa diversidade etimológica.



A seguir, apresentar-se-á o Gráfico 1 com os percentuais de produtividades detectados para corroborar as produtividades dos referencias hidrotoponímico e fitotoponímico.

Gráfico 1. Produtividade das ocorrências taxionômicas de natureza física – estado de Alagoas

Fonte:Elaborado pelo autor (2024)

No plano sincrônico, ressalva-se que a função dos nomes de municípios é antes identificar do que significar; contudo, conforme o registro apresentado neste estudo, pôde-se (re)visitar esses nomes, suas representações e as intencionalidades. Nesse cabejamento de significados socialmente compartilhados, evidencia-se que não há topônimos semanticamente vazios, sem uma associação direta ou indireta com as características da localidade nomeada e/ou com o sujeito-nomeador, seja por meio de nomeação descritiva ou metafórica, preservando um fundo de memória do povo alagoano.

Por fim, destaca-se que, por meio da língua, os sujeitos projetam realidades e representações, constroem interações e compartilham experiências linguísticas, sociais e

culturais. Por conseguinte, no processo de produção e organização do território⁷ do Estado de Alagoas, nas diferentes escalas, cada ciclo de sua apropriação deixou marcas significativas das estratégias de desenvolvimento. Por essa razão, o aparecimento, a mudança ou a permanência dos nomes dos municípios, no léxico toponímico, geralmente, estão associados a fatos ou episódios que se referem ao mundo físico e/ou antropocultural de espaços de referência identitária e seus vínculos com a ideia de um indivíduo sujeito-nomeador ou com grupos sociais que o representa.

4. Considerações finais

O nome de município – um macrotopônimo - é indubitavelmente um resultado da experiência, podendo atuar em função de índices de pertencimento, de posse, de construção de identidade de um dado grupo, comprometido com práticas socioculturais e configurações pragmáticas e ideológicas de organização socioespacial.

O surgimento desses espaços urbanos e rurais territorializados – municípios de Alagoas - alterou a forma como os alagoanos se identificam no contexto da ocupação humana do espaço geográfico e suas relações línguo-culturais. Com efeito, os nomes dessas municipalidades evidenciam seus hábitos e tradições e, como tal, eles são ricos culturalmente, são arquivos de memórias passadas que preservam o tempo pretérito de seu povo e conservam a história para as gerações posteriores.

Dentro do cômputo geral dos 102 nomes das municipalidades do Estado, detectaram-se 53 designativos de municípios alagoanos voltados às características do ambiente natural de Alagoas, distribuídos em 8 categorias toponomásticas.

Neste complexo toponímico de índole física, pela própria origem semântica destes signos toponímicos, pode-se reconhecer de modo transparente (ou em alguns casos de modo opaco, principalmente, em se tratando de nomes antigos, remanescentes indígenas e africanos) fatores ambientais vinculados às escolhas toponímicas como índice de entrelaçamento entre homem, língua e meio ambiente no processo de nomeação da realidade circundante.

⁷ Dentro de toda complexidade envolvendo o conceito de território, nesse artigo, adotou-se o conceito de território das análises clássicas do campo da Sociologia e da Antropologia que o define como um espaço físico ao qual são atribuídas determinadas significações sociais, dentro dos limites de uma jurisdição político-administrativa.

No âmbito dos hidrotopônimos, evidencia-se uma tendência regional para o emprego dessas denominações em território alagoano, demonstrando a valoração da hidrografia local como motivação toponímica. E, em função disso, observa-se que os vínculos denominativos entre o lugar e seu nome se realizaram em três esferas complementares em que o elemento água se sobressai, quais sejam i) nomes de acidentes hídricos em território alagoano, ii) a paisagem das regiões de beira-mar das lagoas e praias alagoanas e iii) o ânimo do sujeito-nomeador em relação ao recurso hídrico alagoano.

No âmbito dos fitotopônimos, evidencia-se a intencionalidade, que anima o sujeito-nomeador, associada à descrição e ao resgate de espécies vegetais da flora local em sua individualidade ou diversidade, em que se encontra o município nomeado, materializando no léxico toponímico, traços das especificidades naturais do estado. Tais macrotopônimos, em sua maioria, são designativos de um universo transparente, traduzindo elementos das feições características do local, na época de sua formação e povoação.

Referências

- CARVALHO, Cícero Pércles de. **Formação histórica de Alagoas**. 4. ed. Maceió : EDUFAL, 2016.
- CHUECA, Pascual Riesco. Nombres en el Paisaje: latoponimia, fuente de conocimiento y aprecio del territorio. In. **Cuadernos Geográficos**, n. 46, Sevilla: Universidad de Sevilla, 2010, p. 7-34.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Ver atual. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 744 p.
- DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1980, 198 p.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, Edições Arquivo do Estado, 1990.
- DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.
- DICK, M. V. de P. do A., Fundamentos teóricos da toponímia. Estudo de caso: o projeto Atemig - Atlas toponímico de Minas Gerais (variante regional do Atlas toponímico do Brasil). In SEABRA, M. C. T. C. de (org.) **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 91-118.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. **Revista Trama**. Vol. 3, n. 5, p. 141-155, jan/jun., 2007.

ISQUERDO, Aparecida Negri (org.), **Toponímia urbana no Brasil**: Estudos. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. v. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O nome do município: um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. **ProLíngua**. v 2, n. 2 - jul/dez de 2008. p. 34-52. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs2/index.php/prolingua/issue/view/1064>>. Acessado em 12/09/ 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico, 14 ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MELO, Pedro Antonio Gomes de. **Dicionário Toponímico de Alagoas (DITAL)**: municípios e seus aspectos linguísticos e extralinguísticos. 2018. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

MENDONÇA, Carlos Alberto Pinheiro et al. **Enciclopédia Municípios de Alagoas**. 3. ed. amp. e ver. Instituto Arno de Mello. Maceió. Núcleo de Projetos Especiais. 2012, 540 p. Disponível em <<http://www.youblisher.com/p/525211-Enciclopedia-dos-Municipios-de-Alagoas/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. **La toponímia em Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.

SANTOS, Kairo da Silva. **Toponímia e Geografia**: Novos caminhos para o estudo crítico da nomeação dos lugares. 2023. Tese de Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SOLIS FONSECA, G. **La gente pasa, los nombres quedan. Introducción en la Toponímia**. Lima: Ed. Lengua y Sociedad, 1997.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. **Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi**: significado dos nomes geográficos de origem tupi. 2.ed. Brasil: Traço, 1997. 197 p.